

Tudo dentro do script

Poucas vezes se viu no Senado uma renúncia tão rápida quanto a do agora ex-senador Joaquim Roriz. Ontem pela manhã, na reunião da Mesa, Roriz teve a certeza de que não tinha ali, entre seus pares, a menor chance de sobreviver. Não conseguiu nem tempo para articular melhor uma saída honrosa. Após semanas de um certo autismo político, parece que a Casa resolveu sintonizar-se com os clamores das ruas ou, pelo menos, com a opinião pública dos que lêem jornais e assistem aos noticiários da TV. A renúncia era tudo o que o Senado esperava em meio ao clima de pancadaria interna e externa dos últimos tempos. De Roriz ou de qualquer outro. O importante para os senadores, a esta altura, era oferecer a cabeça de alguém. Por conta disso, muita gente foi dormir aliviada ontem. Espera-se que, a partir daí, a pressão diminua e o clima melhore um pouco na Casa.

A grande dúvida agora é se a entrega da cabeça de Roriz conseguirá salvar a cabeça de Renan, companheiro do mesmo partido cujo processo vem tomando rumos completamente diferentes. Quem assistiu à sessão em que o presidente do Senado foi bombardeado pelos próprios colegas que insistiam em seu afastamento da função — ataques dos quais o renunciado Roriz foi poupado — pode ter saído com a impressão de que ele também está perdido. Mas as aparências enganam, sobretudo no Parlamento. O desfecho do caso Roriz na verdade ajuda Renan. Compõe uma equação em que o Senado já não aparece tão distante assim das ruas e passa a idéia de que foi dada uma satisfação à opinião pública. Condenado um, pode-se absolver o outro. O script do Caso Renan agora passa pela retomada das rédeas da investigação. A condição básica é que o trio de relatores e o Conselho de Ética convençam o distinto público de que estão trabalhando a sério.